

Samantha Dias de Lima (org.)



*Notas sobre o brincar:*  
experiências na constituição de uma

**BRINQUEDOTECA**



**Samantha Dias de Lima**

**Notas sobre o brincar:  
experiências na constituição de uma  
brinquedoteca  
1º edição**

**Estância Velha/RS  
2021  
Z Multi Editora**

# Notas sobre o brincar: experiências na constituição de uma brinquedoteca

## Organizadora

Samantha Dias de Lima

## Capa

Cleber Zanovello Dariva

## Coordenação editorial

Sandra Hess

## Diagramação

Cleber Zanovello Dariva

## Revisão ortográfica

Aline Nardes dos Santos

## Formato

PDF

### DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

N899

Notas sobre o brincar [recurso eletrônico]: experiências na constituição de uma brinquedoteca / organização: Samantha Dias de Lima; Prefácio: Raona Denise Pohren; Rochele da Silva Santaiana. – Estância Velha: Z Multi Editora, 2021.

154 p.: il.; 16x23cm (xMb ; PDF)

Vários autores.

Projeto desenvolvido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Farroupilha com apoio do Grupo de Pesquisa em Docências na Educação Básica (Gpedeb)

ISBN 978-65-87449-15-9

1. Brinquedotecas. 2. Educação. 3. Professores – Formação. I. Título. II. Lima, Samantha Dias de. III. IFRS – Campus Farroupilha.

CDU 371.695

Bibliotecária responsável: Maria do Carmo Mitchell Neis – CRB 10/1309

Este livro teve o incentivo de:



**Z Multi Editora** – Todo mundo tem uma história para contar

@ZMultiEditora | [www.zmultieditora.com.br](http://www.zmultieditora.com.br)

# Palavra-brinquedo: corpos no som

*Dulcimarta Lemos Lino*<sup>37</sup>

UFRGS

*Bianca de Oliveira Cardoso*<sup>38</sup>

UFRGS

## Dos começos

**C**omeçamos esta *Com Versa* voltando nossa atenção às crianças e às suas palavras. Dimensão essencial da vida humana, as *palavras-brinquedo* são “feitas do corpo” (LINO; RICHTER, 2020) que se lançam a compor sentidos na experiência dos começos linguageiros às crianças que fomos – e ainda habitam em nós – e às crianças com as quais convivemos cotidianamente na escola. Essas casas de poesia cheias de música, sons, ruídos e silêncios que se encontram pela linguagem dialogam na inauguração de sentidos e se arriscam a viver o exercício (LAROSSA, 2018) de aventurar-se na experimentação de um tempo em que “estivemos tão fora de um idioma que todas as línguas eram nossas” (COUTO, 2009, p. 12).

Etimologicamente, a palavra “in-fância significa literalmente,

---

<sup>37</sup>Pianista, Professora da Faculdade de Educação da UFRGS, coordenadora do Grupo de Pesquisa Escuta Poética (FACED/UFRGS) e do Programa de Extensão PiÁ. Doutora em Educação/UFRGS. E-mail: dulcimartalino@gmail.com

<sup>38</sup>Professora de Educação Infantil e Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Escuta Poética (FACED/UFRGS), Pedagoga e especialista em Gestão na Escola/Unisinos. E-mail: bianca.oliveiracardoso@gmail.com

ausência de fala” (LAROSSA, 2018, p. 333); e temos infância justamente porque nascemos não falantes, tendo de aprender a instalar no corpo uma história linguageira (AGAMBEM, 2011). Neste texto, a criança e sua infância encontram suas *palavras-brinquedo*, ao viverem com os corpos no som, paradeiro essencial do mundo que, na ação brincante, toca o vínculo, faz presença e tatua uma voz em língua: a linguagem. Isto porque, “para construir a nossa voz, é necessário ter ouvido alguém falar. Em toda voz existe a presença simbólica do outro” (PARRA, 2008, p. 10). Este encontro de vozes e narrativas profundamente humanas acontece pela escuta (NANCY, 2007) como disponibilidade profunda à ressonância de sentidos (RICHTER; LINO, 2019) que toca o corpo no mundo.

Vale lembrar que

em todas as línguas existe a diferença entre OUVIR e ESCUTAR. Ouvir é um reflexo neurofisiológico enquanto que escutar é uma propriedade do ser humano e implica a existência de um sujeito que quer construir sentido, que quer compreender algo nas interações com os demais. (PARRA, 2008, p.12).

O mesmo acontece com a escrita e a leitura da palavra. Ler o manual do telefone celular e ler um poema são experiências diferentes. Por quê? A linguagem habita os dois territórios; mas uma experiência é informativa, ou melhor, criada para explicitar a funcionalidade específica do aparelho celular, e a outra é poética. Tocar o gesto poético é deixar-se ser corporalmente invadido pelas sonoridades das palavras que não separam fronteiras (artigo, verbo, substantivo, classe gramatical etc.), nem servem à inoperatividade, pois produzem sentidos para tocar a vida: única, inteira, real. É justamente essa ação poética que é a casa das palavras-brinquedo (REYES, 2012).

A escuta de uma diversidade de *palavras-brinquedo* na infância relaciona-se com as primeiríssimas formas de habitarmos a linguagem, uma vez que a audição surge anteriormente ao aparecimento das palavras gramaticais. O bebê, desde o ventre materno, relaciona-se com a voz de sua mãe: “se poderia dizer que se trata de uma das primeiras histórias de amor, pois a música da voz materna calma, sossega e acompanha o bebê” (PARRA, 2008, p. 7). Essa primeira experiência de isolamento, mas em companhia, faz-se corpo narrativo pela sonoridade das palavras, das canções, dos recados de afeto que nutrem, acalantam e instauram **vida com o outro**. A capacidade de tornar-se humano está fundada neste encontro sonoro: eu e o outro. Aqui, pela ressonância, o corpo faz-se casa; e, nas “conversações” (CAGE, 2015), faz-se presença na escuta cheia de palavras que compõem e penetram fronteiras para nos lembrar de novo: “o paraíso são os outros” (MÃE, 2018, p. 34).

Desta relação de escuta e de fala, deste movimento linguageiro, que é essencialmente gesto poético musical, porque habitante inseparável de sons e silêncios, é que emergem as *palavras-brinquedo*. Este processo não necessita ser ensinado, e sim experimentado na convivência coexistente de linguagem, uma vez que “minha pátria é minha língua”<sup>39</sup> e os encontros musicais a que meu corpo pode vincular-se cotidianamente “encarnam” (MERLEAU-PONTY, 1984) um jeito de estar no mundo. Tais encontros têm autoria para compor “a **nossa própria casa de palavras**” (REYS, 2012, p. 24), que, para além de um dicionário, de um glossário ou de uma partitura que compartilha um código comum, tocam nossa pele: o mundo de palavras, de realidade e de imaginação, de ritmos e melodias, de

---

<sup>39</sup>“Minha Pátria é minha língua” frase do poema do Livro do Desassossego de **Bernardo Soares**, heterônimo de Fernando Pessoa, utilizada na canção Língua de Caetano Veloso, no qual ele diz que seu apego não está ligado à nação, à pátria como um território, mas a um pertencimento inCORPOrado desde o ventre materno na forma de som, música, silêncio: brinquedo.



*com juntos de poesia*, aquilo que a linguagem não nomeia, porque se torna difícil atribuir estatuto de existência (REYS, 2012) ao gesto poético (AGAMBEN, 2011).

Reys (2012, p. 25) afirma que o poema é justamente a desobediência ao sentido literal das palavras. “Para entender o poema, é preciso conectá-lo as sonoridades, tempos, sensações, emoções, ritmos interiores e zonas secretas, permitindo-nos explorar essas zonas de penumbra e ambiguidade da linguagem” (REYS, 2012, p. 25). Narrativa lúdica que vive na fronteira miacoutiana (COUTO, 2013) da natureza orgânica; entidade viva e permeável que não tem fronteiras, porque une contrários, conjuga imaginação, dedica-se a movimentar sentidos estabelecidos pela gramática para tocar singularidade e diversidade em linguagem.

Assim, as crianças habitam a linguagem poeticamente porque brincam com as palavras, dialogam com este encontro da música com a linguagem no mundo. Para as crianças, as *palavras-brinquedo* incorporam tanto o fenômeno brinquedo como a forma brincadeira (HORTÉLIO, 2013, p. 20), porque são inseparáveis. Brinquedo é ação, movimento, verbo: brincar. Nesse sentido, para que um brinquedo possa existir, seriam necessários a palavra, o ritmo, o movimento e o outro, sem separações, pois o brinquedo e a brincadeira são indivisíveis, “um organismo vivo, a manifestação da inteireza, da inteligência com os corpos no som, da sensibilidade e da cidadania” (HORTÉLIO, 2013, p. 24), potência de intenso exercício de tomada de decisões.

Logo, as *palavras-brinquedo* irrompem o cotidiano infantil para inscrever gestos que desenham som (DELALANDE, 1985), potência poética de transformação, apropriação, inquietude e escuta linguageira. Ao tocar as sonoridades e silêncios do mundo, convidam

adultos e crianças a aprenderem a apreender o pensamento no tempo do devir. É uma sabedoria que, no dito dos povos guaranis da Amazônia, é chamada Arandú, isto é, a capacidade de sentir o tempo (HOYUELOS, 2020); registro corporal que toma a boca pela oralidade para compartilhar vida. Fora do tempo cronológico do relógio, do metrônomo, da rotina escolar ou do currículo imposto – onde a música aparece para disciplinar, aprender um conteúdo ou servir ao consumo –, as *palavras-brinquedo* são gestos poéticos sem “sucessão, nem consecutividade, mas intensidade da duração” (KOHAN, 2004, p. 55), porque residem no exercício de tocar o mundo e ser por ele tocado (LINO; RICHTER, 2020) para inaugurar sentidos.

Neste prazer lúdico e lúcido (BARCENA, 2004), compartilhamos com vocês algumas *palavras-brinquedo* que intencionalmente trazemos à sala de aula da escola pública municipal, porque promovem a integração entre o sensível e o inteligível. Basta clicar na nota de rodapé abaixo para escutar a relevância potente e singular dessa complexa experiência de estar em linguagem. Déia<sup>40</sup> Alencar nos ensina o **brinco: tancachincantanca**<sup>41</sup>, *palavra-brinquedo* aprendida no colo de sua mãe. Sendo um tipo de parlenda onde o ritmo, o movimento e o gesto convidam bebês e adultos à diversão e alegria, os brincos tocam os corpos para conjugar vínculo, música, poesia!

As *palavras-brinquedo* também podem viver como parlenda tradicional, isto é, uma declamação que liga ritmo, rimas e aliterações. Aqui compartilhamos com vocês a clássica: “Lá em

---

<sup>40</sup>Déia Alencar, nome artístico da brincante, aluna no Curso de Graduação em Pedagogia da UFRGS, 2020. Palavra-brinquedo coletada em Cartografias Sonoras, Coleção Pedagogia e Música (LINO, 2017-2020).

<sup>41</sup>Brinco: Tancachicatanca (Andreia Dias de Alencar). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=F-3I2UF8fdg>>.



cima do piano, tem um copo de veneno, quem bebeu morreu, o culpado não fui eu!<sup>42</sup> Para refletir sobre as *palavras-brinquedo*, criamos uma série de podcasts intitulados “*Pó di questim!*”, que afirmam como as professoras do Grupo de Pesquisa Escuta Poética (FACED/UFRGS) brincam com as sonoridades da palavra ‘podcast’ ao compartilhar sua experiência reflexiva nesse suporte de documentação pedagógica.

As *palavras-brinquedo* podem emergir na forma de improviso, ou seja, em ensaios vocalizados onde as crianças expressam sonoramente suas narrativas lúdicas cotidianas. Compartilhamos com vocês o “brincar de fazer sombra”<sup>43</sup> de Beatriz (seis anos), quando a “música em estado de encontro” (LINO, 2020) toca a menina para sublinhar coexistência. As *palavras-brinquedo* sempre estão juntas do corpo, podendo aparecer na forma de canção, ou seja, uma música com letra. Escutemos o que Natália e Laura inventam com a professora na sala de aula: “*Dentes*”<sup>44</sup>. Natália (três anos) vai ganhar um irmão. Conta para Laura (quatro anos) o feito, comentando “que ele vai nascer sem dente!”. Laura, que já tem irmão, compartilha com a colega sua experiência. A entonação do inciso melódico que conduzem na conversação chama atenção da professora, que começa a improvisar no piano algo que possa andar na garupa das meninas. Eduardo corre para a bateria, e as demais crianças se espalham pela sala. Em poucos minutos, toda a turma está envolvida no exercício continuado daquela conversação. Compartilham o espaço de compor-improvisar, testando diferentes possibilidades musicais para o

---

<sup>42</sup>Parlenda (Piá: *Pó di Questim*). Disponível em <<https://soundcloud.com/podiquestim-ufrgs/b-parlenda?in=podiquestim-ufrgs/sets/ii-bienal-do-jogo-e-educacao>>.

<sup>43</sup>Brincar de fazer sombra (Grupo Escuta Poética: *Pó di Questim*). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=K2zct\\_HVpuI](https://www.youtube.com/watch?v=K2zct_HVpuI)>.

<sup>44</sup>*Dentes* (*Pó di Questim*). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dHtz9mLfg7U>.

fato real que inspira a ação de “barulhar” (LINO, 2010), isto é, brincar com sons. As *palavras-brinquedo* também aparecem como resistência: o tradicional e corriqueiro palavrão. É essa ação recorrente entre as crianças de perseguir o exercício continuado de se colocar diariamente a pronunciar palavras *graaaannndesss*. Entendidas como palavras difíceis de serem expressas, seja pelas particularidades combinatórias da linguagem ou pela extensão de articulações sucessivas, ou ritmos acelerados, registram o desafio e a intensa entrega às feições do corpo que exigem repetição, sistematização, memorização e assiduidade na experiência de colocar os corpos no som. Para tanto, podemos escutar “*Palavrão*”<sup>45</sup> na voz de José (quatro anos), marca poética das palavras-brinquedo que temos encontrado na investigação (LINO, 2020).

## Das Palavras finais

Neste texto, optamos por habitar a linguagem para além da escrita. Pela escuta compartilhada na leitura de links, procuramos enlaçar o “teorema e o poema” (RICHTER; LINO, 2006) para que, na escuta da infância e de sua gramática profunda, encontremos também possibilidades de dar voz às *palavras-brinquedo* de nossas docências. Essa inquietação epistemológica torna o fenômeno do corpo sensível fonte primeira de sentido e significação que nos instala no mundo (RICHTER; LINO, 2019) e invade as palavras mandatárias da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) para habitar a complexidade e pluralidade dos Campus de Experiência e dos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento

---

<sup>45</sup>Palavrão. Disponível em: <<https://youtu.be/V6kB2xCr8hk>>, José quatro anos, escola pública municipal. Documentação pedagógica em forma de podcast, Pó di questim, (LINO, 2020).

que exigem o docente *compositor*, aquele que toma decisões e inventa propostas.

O movimento deste aprender assegura o direito à interação, à brincadeira, ao espaço de compor gestos poéticos com adultos e crianças. Com as *palavras-brinquedo*, nossos corpos habitam as palavras E a música. Os símbolos E os signos. O analógico E o digital. Esta é nossa ação docente imprescindível: acompanhar a inauguração de gestos poéticos, habitares de expressão de nossa imaginação criadora, pois aqui toda palavra é brinquedo, brincadeira, jogo, ação! Travessia que conjuga escuta e posição – ou seja, a palavra como pronúncia de existência no mundo, que,

porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. (FREIRE, 1987, p. 50).

E, neste percurso de ampliação dialógica dos canais de fala e de escuta, do protagonismo de crianças e professores, ressignificamos nossas *palavras-brinquedo* e as inscrevemos nas narrativas coletivas cotidianas da sala de aula. O pulsar ressoante dessas experiências languageiras cotidianas, compartilhadas na infância como *palavras-brinquedo*, dão-se ao colocarmos *os corpos no som*. São marcas de sua inteireza, de seu improviso, dos repertórios que temos em nosso corpo adulto e dos cardápios musicais que escolhemos compartilhar com as crianças.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Infancia e Historia**: ensayo sobre la destrucción de la experiencia. Adriana Hidalgo Editora: Buenos Aires, 2011. 5 ed.

BÁRCENA, Fernando. **El delirio de las palabras**. Ensayo para una poética del comienzo. Barcelona: Herder Editorial, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CAGE, John. **Musicage: palavras**. John Cage em conversação com Joan Retallack. Rio de Janeiro: Numa, 2015.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** E outras interinvenções. Ensaios Companhia das Letras, 2009.

COUTO, Mia. **Repensar o pensamento, redesenhando fronteiras**. In: Pensar a cultura. MACHADO, Cassiano Elek (org.) Série Fronteiras do Pensamento. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013 p. 195-206.

DELALANDE, François. [1984] **La música es un juego de niños**. Buenos Aires: Ricordi Americana, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 17 ed.,1987.

HOYELLOS, Alfredo. **Viver os tempos emocionados da infância**. In: CABANELLAS, Maria (et al.) [2007]. Ritmos infantis: tecidos de uma paisagem interior. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

HORTÉLIO, Lydia; REYS, Yolanda. **No caminho da leitura**: a importância das palavras, das narrativas e do brincar na primeira infância. In: PRADES, Dolores (Editora). Crianças e jovens no século XXI: leitores e leituras. São Paulo: Livros da Matriz, 2013.

KOHAN, Walter O. (Org.) **Lugares da infância**: filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LARROSA, Jorge. **P de Professor**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

LINO, Dulcimarta Lemos. **Barulhar**: a música das culturas infantis. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 24, 81-88, set. 2010. Disponível em: <[http://abemeduacaomusical.com.br/revista\\_abem/ed24/revista24\\_artigo9.pdf](http://abemeduacaomusical.com.br/revista_abem/ed24/revista24_artigo9.pdf)>. Acesso em: 04 maio 2019.

LINO, Dulcimarta Lemos. **A Educação Musical na formação de professores dos Cursos de Graduação em Pedagogia Gaúchos**: escuta e criação na experiência de barulhar. Pesquisa Concluída. Porto Alegre: FACED/UFRGS, 2020a. 182 f.

LINO, Dulcimarta Lemos; RICHTER, Sandra Regina. **Feito Partitura**: palavra sonora como gesto poético de educar. Revista Signo. Universidade de Santa Cruz do Sul, v.45,

n. 83, p. 2-17, maio/ago. 2020. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/14948/0>>. Acesso em: 8 nov. 2020.

MÃE, Valter. H. **O paraíso são os outros**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A linguagem indireta e as vozes do silêncio**. In: Textos escolhidos. Col. Os Pensadores. Trad. Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1984. pp 113-126.

NANCY, Jean-Luc. **A la escucha**. Buenos Aires: Amorrortu, 2007. Colección Nómadas.

PARRA, Evelio Cabrejo. **Música de la lengua, literatura y organización síquica del bebé**. In: PARRA, Evelio Cabrejo (et al). Música y literatura infantil colombiana. Cuadernos de literatura infantil colombiana. Bogotá: Biblioteca Nacional de Colômbia, 2008. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/es/document/read/6704121/musica-y-literatura-infantil-colombiana-biblioteca-nacional>>. Acesso em: 01 de maio de 2020.

REYS, Yolanda. **Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

RICHTER, Sandra; LINO, Dulcimarta. **A arte e a imaginação na educação da infância**. Palestra Semana Acadêmica de Pedagogia, UNISINOS, São Leopoldo, out. 2006.

RICHTER, Sandra; LINO, Dulcimarta. **Estar à escuta: música e docência na educação infantil**. In: Childhood & Philosophy, Rio de Janeiro, v. 15, out. 2019, p. 01- 24.